
A produção discursiva, regimes de verdade e performances da fé no jornalismo neopentecostal¹

Raquel Silva ROCHA²

Ruth REIS³

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o jornalismo praticado por veículos neopentecostais no Brasil, com foco na análise de matérias da *Folha Universal*. Trata-se de um recorte da pesquisa de dissertação de mestrado em Comunicação e Territorialidades, que investiga o jornalismo religioso como dispositivo de poder, com ênfase na construção discursiva sobre a mulher nesse contexto. A proposta parte de uma elaboração teórico-conceitual que busca compreender de que maneira jornalismo e religião se articulam na produção de subjetividades, considerando como a mídia religiosa se apropria da retórica jornalística para legitimar discursos, organizar sentidos e reforçar performatividades em suas produções (Franciscato, 2003; Foucault, 2018; Mota, 2004).

Palavra-chave: Jornalismo religioso; Neopentecostal; Discurso; Folha Universal; Mídia Evangélica.

A relação entre religião e mídia no contexto do neopentecostalismo brasileiro configura-se como um campo de forças atravessado por práticas discursivas que operam sobre a constituição da realidade. Mais do que a simples utilização instrumental dos meios de comunicação, o jornalismo religioso manifesta-se como parte de um conjunto de tecnologias de poder (Lemke, 2017), que moldam condutas, subjetividades e formas de ver o mundo.

Esses mecanismos não se impõem por meio da coerção direta, mas atuam através da gestão dos afetos, da persuasão simbólica e da organização moral dos sujeitos. Como destaca Foucault (2018), o poder moderno opera pela constituição de regimes de verdade, produzidos e naturalizados por práticas discursivas cotidianas que normalizam comportamentos e regulam a vida.

¹ Trabalho apresentado no GP07 - Comunicação e Religiões, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação e Territorialidades do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: contatolemosr@gmail.com.

³ Professora do Departamento de Comunicação Social, atuando no Curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: ruth.reis@ufes.br.

O neopentecostalismo midiático atual incorpora elementos da governamentalidade, articulando soberania, disciplina e biopolítica. O poder pastoral — herdado da tradição cristã — é ressignificado nas plataformas midiáticas, ampliando sua capacidade de vigilância e normatização.

A figura do pastor, agora mediada por aparatos tecnológicos, guia o fiel não apenas espiritualmente, mas também no plano ético, moral e material, por meio de discursos de salvação, prosperidade e controle da vida cotidiana (Costa, 2007). Assim, a confissão pública, os testemunhos de sucesso e a promessa de transformação individual tornam-se dispositivos de subjetivação mediados pelo aparato midiático. E nesse arranjo, o jornalismo religioso atua como vetor discursivo de uma racionalidade governamental.

Esta pesquisa parte da análise de 84 matérias da *Folha Universal*, selecionadas a partir da presença explícita do termo “mulher” nos títulos e subtítulos. O estudo é desenvolvido em duas etapas metodológicas. A primeira, de caráter lexicométrico, busca identificar os campos semânticos mais recorrentes e organizar o material em categorias temáticas, como relacionamento, espiritualidade, saúde, violência, autovalorização e carreira, por meio de padrões de repetição vocabular e segmentação lexical. Esta etapa permite mapear os principais enquadramentos sobre a figura da mulher, funcionando como base para uma análise mais aprofundada.

Na segunda etapa, a partir da análise do discurso, são observadas estratégias discursivas, uso de fontes, construções visuais e referências culturais vinculadas à Igreja Universal do Reino de Deus. A abordagem considera as perspectivas de Michel Foucault sobre governamentalidade e tecnologias de poder. Em títulos como “A importância de ser uma mulher disciplinada” ou “Como ser uma mulher de sucesso em todas as áreas”, por exemplo, observa-se um discurso que orienta condutas, promovendo modelos ideais de subjetividade feminina. A mulher é interpelada como agente moral, responsável por sua transformação espiritual e material, numa pedagogia discursiva baseada na fé, no controle de si e na promessa de prosperidade.

Pensar o jornalismo como prática discursiva implica deslocá-lo de uma concepção meramente técnica para uma perspectiva que o compreende como produtor de sentidos no espaço social. Para Bourdieu (1997), o jornalismo é atravessado por lógicas de campo, concorrência simbólica e disputas de poder que configuram tanto a

posição dos jornalistas quanto os critérios que orientam sua prática. Isto é, a seleção, hierarquização e narrativa dos fatos são condicionadas por injunções institucionais e estruturas simbólicas que não apenas refletem a realidade, mas a constroem. Assim, a atualidade jornalística é uma forma de mundo, uma organização da experiência que, ao ser transmitida ao público, participa da formação de consensos e condutas sociais.

Essa construção da atualidade não se dá de modo neutro. Os chamados valores-notícia (critérios como atualidade, impacto, proximidade e relevância) funcionam como filtros ideológicos que orientam a transformação de fatos em notícia (Franciscato, 2003). Esses valores, longe de serem universais ou objetivos, operam de forma historicamente situada, moldados pelas condições sociais, culturais e tecnológicas do momento.

Assim, a subjetividade está presente desde a escolha do que noticiar até a forma como os eventos são narrados. Desse modo, a notícia não é um reflexo neutro dos fatos, mas o resultado de uma operação discursiva que traduz, hierarquiza e interpreta a realidade a partir de lugares de enunciação específicos. Para Motta (2004), a força do discurso jornalístico reside na sua capacidade de gerar identificação, engajando o leitor na co-construção dos sentidos a partir da narrativa.

O jornalismo produzido por veículos neopentecostais, especificamente a Folha Universal — objeto desta pesquisa —, nesse contexto, articula elementos simbólicos da fé com as lógicas narrativas do jornalismo contemporâneo, reconfigurando os valores-notícia a partir de uma gramática própria da salvação, da promessa e da moralização.

A mídia não apenas reporta a fé: ela a performa, instituindo sentidos sobre o que é viver corretamente, quem merece ser ouvido e quais eventos merecem atenção. Assim, o jornalismo religioso configura-se como uma prática de governo de almas, onde o discurso assume papel central na produção de verdades, na regulação da conduta e na construção da realidade social.

Referências

BOURDIEU, P. Sobre a televisão: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

COSTA, Marcio. Uma Analítica do Poder Pastoral – A emergência das disciplinas em Michel Foucault. *Mnemosine*, [S. l.], v. 3, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41306>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CUNHA, M. N. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. ID22280, mar. 2016.

_____. O conceito de Religiosidade Midiática como atualização do conceito de Igreja Eletrônica em tempos de cultura “gospel”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2002, Salvador. **Anais...** Salvador, 2002.

_____. Religião e Política: ressonâncias do neoconservadorismo evangélico nas mídias brasileiras. **Perseu: História, Memória e Política: Dossiê as direitas no Brasil**, São Paulo, v. 7, n. 6, p. 147-166, fev. 2016.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Wanderson Flor do Nascimento (Trad). Escola Nômade, 2016. Disponível em: <<https://www.escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>>. Acesso em: 09 ago. 2024.

FÉLIX, J. S.; SANTI, V. J. O uso da mídia televisiva por grupos e instituições religiosas no Brasil: uma análise da atuação da IURD na Rede Record. *Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 245–260, 2018. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/5195>>. Acesso em: 15 jan. 2024.

FERREIRA NETO, J. L. A Analítica da Subjetivação em Michel Foucault. *Rev. Polis Psique* [online]. 2017, vol.7, n.3, pp.7-25. DOI:[10.22456/2238-152X.76339](https://doi.org/10.22456/2238-152X.76339)

FOUCAULT, M. A Arqueologia do Saber. 7ª ed., 3ª reimpressão. Rio De Janeiro: Forense Universitária, 2012. 236 p.

_____. A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24ª ed. São Paulo: Loyola, 2014a.

_____. Microfísica do poder. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. 431 p. ISBN 9788577532964.

FRANCISCATO, C. E. A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal Da Bahia, Salvador, 2003.

LEMKE, Thomas. Foucault, governamentalidade e crítica. Plural: Revista de Ciências Sociais, Online, vol. 24, no. 1, p.194-213, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=649770014012>>. Acesso em: 09 ago. 2024.

RODRIGUES, R. O.; MALCHER, M. A. **Tipos de igrejas midiáticas**: proposta de classificação a partir de programas telerreligiosos. Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 7, nº 13, 2019.

SANTOS, R. E. Genealogia da Governamentalidade em Michel Foucault. 2010. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, R. B. R. A atualidade do jornalismo como forma social de conhecimento: ampliando o rigor intelectual da práxis noticiosa. In: XIV Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Norte, Manaus, 2015, 11p.

TRAQUINA, Nélson. Teorias do jornalismo I: porque as notícias são como são. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

WEINMANN, A. O. Dispositivo: um solo para a subjetivação. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 16-22, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/sg6tCv5VrHKSGWTYp9bTymz#https://www.scielo.br/j/psoc/a/sg6tCv5VrHKSGWTYp9bTymz#>>. Aceso em: 09 ago. 2024.